



Entre experiência e conceito: a esperança na literatura musicoterapêutica
Between experience and concept: hope in the music therapy literature

Jevison Cesário Santa Cruz¹

Submetido: 05/11/2025 Aprovado: 05/01/2026 Publicação: 25/01/2026

RESUMO

A musicoterapia consolidou-se como uma prática terapêutica que utiliza a música e seus elementos para promover saúde e bem-estar em diferentes contextos clínicos. Entre os efeitos subjetivos associados às intervenções musicoterapêuticas, destaca-se a esperança, embora ainda pouco explorada de forma sistemática na literatura da área. O presente estudo tem como objetivo realizar uma revisão bibliográfica sobre a esperança como fator terapêutico na musicoterapia, analisando como esse constructo é abordado na produção acadêmica, identificando lacunas teóricas existentes e discutindo suas implicações para o processo terapêutico. Trata-se de uma revisão integrativa, fundamentada em obras clássicas da musicoterapia e estudos correlatos, com destaque para autores como Bruscia, Benenzon, Ruud e Bunt. Os resultados indicam que, embora a esperança esteja presente de maneira implícita nos discursos sobre bem-estar e qualidade de vida, há escassez de abordagens conceituais aprofundadas. Conclui-se que a musicoterapia possui potencial significativo para a promoção da esperança, sendo necessária maior sistematização teórica e metodológica sobre o tema.

Palavras-chave: Musicoterapia. Esperança. Processo terapêutico.

ABSTRACT

This study aims to conduct a bibliographic review on hope as a therapeutic factor in music therapy, analyzing how this construct is addressed in academic productions and identifying existing theoretical gaps. Based on classical and contemporary literature in music therapy and related fields, the study discusses the predominance of descriptive approaches that highlight emotional benefits without conceptual deepening of hope as a clinical construct. The methodological approach consists of a qualitative bibliographic review, guided by established research procedures in the human sciences. The results indicate the need for greater theoretical rigor and conceptual clarification regarding hope within music therapy, suggesting paths for future research and theoretical development in the field.

Keywords: Music Therapy. Hope. Therapeutic Process.

¹ Doutorando e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor da Educação Básica. jevison_maestro@hotmail.com

1. Introdução

A musicoterapia vem se consolidando, ao longo das últimas décadas, como uma prática terapêutica reconhecida internacionalmente, caracterizada pelo uso sistemático da música e de seus elementos com objetivos clínicos bem definidos. Segundo Bruscia, a musicoterapia consiste em “um processo sistemático de intervenção, no qual o terapeuta auxilia o cliente a promover saúde, utilizando experiências musicais e as relações que se desenvolvem por meio delas” (Bruscia, 2016, p. 20). Essa definição destaca o caráter relacional da prática musicoterapêutica e sua inserção no campo da saúde.

Autores como Ruud (1990) e Benenzon (1988) reforçam que a música, enquanto linguagem simbólica e não verbal, possui potencial para acessar dimensões subjetivas profundas do indivíduo, favorecendo processos de expressão emocional, comunicação e reorganização psíquica. Dessa forma, a musicoterapia tem sido aplicada em contextos diversos, como saúde mental, hospitais, cuidados paliativos e instituições educacionais, promovendo não apenas a redução de sintomas, mas também a ampliação do bem-estar e da qualidade de vida.

Entre os efeitos terapêuticos observados nas intervenções musicoterapêuticas, destacam-se estados emocionais positivos, tais como fortalecimento do vínculo terapêutico, aumento da motivação, sensação de acolhimento e ressignificação do sofrimento. Nesse conjunto de experiências subjetivas, a esperança surge como um elemento relevante, sobretudo em contextos de adoecimento e sofrimento psíquico. Entretanto, apesar de sua importância clínica, a esperança ainda aparece de maneira difusa na literatura em musicoterapia, muitas vezes associada a outros constructos sem aprofundamento conceitual específico (Bunt, 2002; Ruud, 1990).

O problema que orienta este estudo consiste em compreender como a esperança tem sido abordada na literatura musicoterapêutica e quais lacunas teóricas persistem nesse campo. Observa-se que muitos trabalhos descrevem melhorias emocionais e subjetivas decorrentes das intervenções musicais, mas nem sempre articulam tais resultados a conceitos teóricos específicos, como o da esperança.

A relevância deste estudo justifica-se pela necessidade de aprofundar a reflexão teórica sobre a esperança no contexto da musicoterapia, contribuindo para o fortalecimento científico da área e para a qualificação da prática clínica. Assim, o objetivo deste trabalho é realizar uma revisão bibliográfica sobre a esperança como fator terapêutico na musicoterapia, analisando sua abordagem na produção acadêmica, identificando lacunas teóricas e discutindo as implicações desse constructo para o processo terapêutico.

2. Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa, do tipo integrativa. De acordo com Lakatos e Marconi, a pesquisa bibliográfica “abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas até meios de comunicação” (Lakatos; Marconi, 2017, p. 71). Esse tipo de pesquisa possibilita ao pesquisador contato direto com produções relevantes, permitindo análise crítica e sistematização do conhecimento existente.

Foram consultadas obras clássicas da musicoterapia, especialmente os trabalhos de Kenneth E. Bruscia, Rolando Benenzon, Even Ruud e Leslie Bunt, além de livros e artigos que discutem aspectos psicológicos e existenciais da esperança. A seleção do material priorizou textos publicados em língua portuguesa, incluindo traduções reconhecidas no campo acadêmico. Os critérios de exclusão contemplaram textos de caráter exclusivamente técnico ou relatos empíricos que não apresentassem articulação teórica consistente com os objetivos do presente estudo.

Reconhe-se, entretanto, que a opção por uma revisão bibliográfica impõe limitações, sobretudo no que se refere à generalização dos achados. Ainda assim, conforme destacam Lakatos e Marconi (2017, p. 274), esse tipo de investigação é fundamental para o amadurecimento teórico de uma área, permitindo a sistematização do conhecimento existente e a proposição de novos caminhos investigativos.

A análise dos dados ocorreu de forma interpretativa, buscando identificar como a esperança aparece nas discussões sobre efeitos terapêuticos da musicoterapia, bem como as lacunas teóricas existentes.

3. Fundamentos teóricos da musicoterapia

A musicoterapia fundamenta-se na compreensão da música como uma linguagem expressiva capaz de mediar processos terapêuticos em níveis emocionais, cognitivos, sociais e simbólicos. Kenneth E. Bruscia, um dos principais teóricos da área, concebe a musicoterapia como um processo clínico intencional, no qual a música não é um fim em si mesma, mas um meio estruturado de intervenção terapêutica. Segundo o autor, “a música é utilizada dentro de um relacionamento terapêutico para promover mudanças no funcionamento emocional, físico, cognitivo e social do cliente” (Bruscia, 2016, p. 21).

Essa concepção desloca a música de uma função meramente estética para um papel relacional e simbólico, em que a experiência musical se torna espaço de elaboração subjetiva. Bruscia enfatiza que o significado terapêutico da música emerge da interação entre cliente, terapeuta e

experiência musical, sendo essa tríade essencial para a compreensão dos efeitos terapêuticos alcançados (Bruscia, 2016).

Rolando Benenzon, por sua vez, contribui significativamente ao introduzir o conceito de identidade sonora (ISO), compreendida como o conjunto de sons que caracteriza o indivíduo ao longo de sua vida. Para o autor, “a identidade sonora constitui-se como expressão da história afetiva e relacional do sujeito” (Benenzon, 1988, p. 52). Tal perspectiva reforça a ideia de que a música acessa conteúdos profundos da subjetividade, favorecendo processos de reconhecimento de si e reorganização emocional.

Even Ruud amplia essa discussão ao relacionar musicoterapia, identidade e qualidade de vida. Para o autor, o self pode ser compreendido como a percepção que o sujeito constrói de si mesmo ao longo de sua trajetória, integrando experiências, emoções e significados atribuídos à própria história (Ruud, 1990, p. 63 - 65). Nessa perspectiva, a música pode favorecer a construção de narrativas pessoais mais integradas, contribuindo para o fortalecimento do senso de continuidade do self ao articular passado, presente e expectativas futuras.

Segundo Ruud, “a experiência musical pode funcionar como um recurso para dar sentido à própria vida, especialmente em contextos de crise” (Ruud, 1990, p. 74). Embora o autor não trate a esperança como um conceito central de forma explícita, essa compreensão da música como promotora de sentido e continuidade existencial dialoga diretamente com a noção de esperança enquanto recurso subjetivo mobilizado frente às adversidades.

4. Fatores terapêuticos na musicoterapia: um pouco de conceito

No campo da musicoterapia, o conceito de fator terapêutico refere-se aos elementos do processo clínico que contribuem de maneira significativa para a promoção de mudanças subjetivas, emocionais e relacionais no indivíduo. Esses fatores não atuam de forma isolada, mas emergem da interação entre o sujeito, a música e o vínculo estabelecido no setting terapêutico.

Bruscia (2016) destaca que a musicoterapia se constitui como um processo relacional no qual experiências musicais são utilizadas intencionalmente para favorecer transformações ao longo do tempo terapêutico. Embora o autor não sistematize um conjunto fechado de fatores terapêuticos, sua abordagem reconhece que determinados elementos, como continuidade do processo, engajamento do cliente, vínculo terapêutico e significação da experiência, desempenham papel central na efetividade clínica.

Outros fatores da tradição musicoterapêutica também apontam para a existência de fatores que atravessem diferentes abordagens clínicas, ainda que nomeados de formas diversas. Ruud (1998), ao enfatizar a música como mediadora de sentido e identidade, sugere que os efeitos

terapêuticos da música extrapolam o nível técnico, alcançando dimensões existenciais da experiência humana. Benezon (1990), por sua vez, ressalta o papel do vínculo e da comunicação não verbal como elementos fundamentais do processo terapêutico.

A ausência de uma sistematização consensual desses fatores, entretanto, não indica fragilidade do campo, mas reflete sua constituição histórica, fortemente marcada pela prática clínica e pela valorização da experiência vivida. Ainda assim, a identificação e o aprofundamento conceitual de fatores terapêuticos específicos mostram-se relevantes para o fortalecimento epistemológico da musicoterapia, abrindo espaço para a incorporação de constructos psicológicos, como a esperança, de forma mais consciente e fundamentada.

5. Esperança como constructo psicológico e terapêutico

A esperança tem sido amplamente discutida no campo da psicologia como um fator associado à motivação, ao enfrentamento de adversidades e à manutenção do bem-estar emocional. Snyder define esperança como “um estado cognitivo baseado na percepção da capacidade de estabelecer caminhos e agir em direção a metas desejadas” (Snyder, 2002, p. 249). Tal definição evidencia a esperança como um processo ativo, relacionado à percepção de possibilidades futuras.

No contexto terapêutico, a esperança assume papel fundamental, especialmente em situações de sofrimento psíquico, adoecimento crônico e perdas. Frankl, ao refletir sobre a experiência humana diante do sofrimento, firma que “quando o homem encontra um sentido, mesmo nas circunstâncias mais adversas, ele se torna capaz de suportá-las” (Frankl, 2011, p. 115). Ainda que Frankl não trate especificamente da musicoterapia, sua perspectiva existencial contribui para compreender a esperança como elemento estruturante da experiência terapêutica.

Ao transpor esse constructo para a musicoterapia, percebe-se que a experiência musical pode favorecer a emergência da esperança ao possibilitar vivências de expressão, criatividade e conexão interpessoal. Bruscia ressalta que “a música pode restaurar um senso de integridade, continuidade e valor pessoal” (Bruscia, 2016, p. 214), aspectos diretamente relacionados à capacidade de projetar-se no futuro.

Além disso, a musicoterapia cria um espaço simbólico no qual o cliente pode experimentar novas formas de ser e estar no mundo, o que favorece a reconstrução da confiança e da expectativa positiva. Mesmo quando não nomeada explicitamente, a esperança manifesta-se na possibilidade de o indivíduo perceber-se capaz de mudança, aspecto central do processo terapêutico.

6. Musicoterapia, esperança e prática clínica: evidências e lacunas

Na prática clínica, a musicoterapia tem sido aplicada em contextos diversos, como saúde mental, hospitais, cuidados paliativos e instituições comunitárias. Estudos apontam que as intervenções musicoterapêuticas contribuem para a redução da ansiedade, melhoria do humor humano e fortalecimento do vínculo terapêutico (Bruscia, 2016, p. 89-94). Entretanto, muitos desses trabalhos descrevem tais benefícios sem aprofundar conceitualmente a esperança como desfecho terapêutico específico.

Bunt (2002), ao analisar práticas clínicas em musicoterapia, enfatiza resultados como bem-estar emocional, engajamento e qualidade de vida, mas não desenvolve a esperança como categoria analítica estruturada. De modo semelhante, Ruud (1990) discute amplamente os efeitos positivos da música na saúde e na identidade, porém sem nomear a esperança como constructo central do processo terapêutico.

Esses estudos evidenciam uma lacuna importante na literatura da musicoterapia: embora efeitos associados à esperança, como motivação, engajamento terapêutico e ressignificação da experiência, estejam presentes nas descrições clínicas, observa-se escassez de abordagens que sistematizem a esperança como um constructo teórico específico no processo terapêutico (Bruscia, 2016, p. 92-95; Ruud, 1998, p. 112 - 115). Tal ausência dificulta a mensuração, a comparação entre estudos e o aprofundamento científico do tema.

Além disso, nota-se que muitos trabalhos permanecem em um nível descritivo, limitando-se a relatar experiências clínicas sem articular os resultados a conceitos psicológicos específicos (Bruscia, 2016, p. 34-36). Essa fragilidade conceitual reforça a necessidade de revisões bibliográficas que integrem teoria e prática, fortalecendo o campo da musicoterapia.

7. Resultados e Discussão

A análise das obras selecionadas revelou que a esperança aparece de forma implícita em grande parte da literatura musicoterapêutica, especialmente associada a termos como bem-estar, sentido, motivação e qualidade de vida. Contudo, poucos estudos a definem explicitamente ou a utilizam como categoria central de análise.

Os resultados indicam que a musicoterapia favorece condições subjetivas que sustentam a esperança, tais como fortalecimento do self, reconstrução do sentido existencial e ampliação das possibilidades de expressão emocional. Esses achados corroboram as reflexões de Bruscia (2016), que aponta a experiência musical como espaço de reorganização psíquica e relacional.

A discussão evidencia que a ausência de sistematização conceitual da esperança não

diminui sua relevância clínica, mas revela um campo ainda em construção. A incorporação explícita desse constructo pode contribuir para maior rigor teórico, além de ampliar as possibilidades de avaliação dos efeitos terapêuticos da musicoterapia.

Quadro 1 - Abordagens da musicoterapia e a presença implícita da esperança

Autor	Obra	Foco principal	Elementos associados à esperança	Esperança como conceito explícito
Bruscia	Definindo Musicoterapia	Processo terapêutico	Motivação, continuidade, vínculo	Não
Ruud	Musicoterapia e Qualidade de Vida	Identidade e sentido	Narrativa, ressignificação	Não
Benenzon	Manual de Musicoterapia	Comunicação e vínculo	Expressão, relação	Não
Bunt	A prática da musicoterapia	Prática clínica	Engajamento, bem-estar	Não

Elaboração: O autor, 2025.

7.1. Limitações do estudo e perspectivas para pesquisas futuras

Como toda pesquisa de natureza bibliográfica, o presente estudo apresenta limitações que precisam ser consideradas para a adequada compreensão de seus resultados. A opção por uma revisão teórica, embora pertinente aos objetivos propostos, restringe a análise aquilo que foi produzido e publicado no campo da musicoterapia, não permitindo a observação direta dos efeitos da esperança em contextos clínicos específicos.

Desse modo, os achados aqui discutidos devem ser compreendidos como uma síntese interpretativa da literatura, e não como generalizações empíricas sobre a prática musicoterapêutica.

Outra limitação refere-se à própria constituição histórica do campo da musicoterapia, marcado por uma forte valorização da experiência clínica e do relato fenomenológico. Essa característica, embora represente uma riqueza epistemológica, também contribui para a escassez de sistematizações conceituais mais rigorosas, o que dificulta a identificação explícita de constructos psicológicos, como a esperança, nos estudos analisados. Assim, a ausência de definições claras e de indicadores teóricos padronizados limita a comparação entre diferentes produções acadêmicas.

No que se refere às perspectivas para a pesquisas futuras, os resultados desta revisão indicam a necessidade de investigações que aprofundem a esperança como fator terapêutico na musicoterapia, seja por meio de estudos teóricos mais sistemáticos, seja, por pesquisas empíricas que busquem operacionalizar esse constructo no contexto clínico. Estudos de abordagem qualitativa, como pesquisas narrativas e estudos de caso aprofundados, podem contribuir para compreender como a esperança é mobilizada no setting musicoterapêutico, a partir da experiência subjetiva dos participantes.

Além disso, pesquisas de natureza interdisciplinar, dialogando com a psicologia, a saúde

coletiva e as ciências humanas, podem favorecer a construção de modelos teóricos mais integrados, capazes de articular prática clínica e reflexão conceitual. A incorporação da esperança como categoria analítica na musicoterapia não implica reduzir a complexidade do processo terapêutico, mas, ao contrário, reconhecer a multiplicidade de fatores que atravessam a experiência musical em contextos de cuidado. Nesse sentido, o aprofundamento desse constructo pode contribuir tanto para o fortalecimento científico do campo quanto práticas clínicas mais conscientes e fundamentadas.

8. Considerações Finais

Este estudo permitiu compreender que a esperança constitui um elemento transversal e relevante no processo musicoterapêutico, embora ainda pouco explorado de forma sistemática na literatura da área. A revisão bibliográfica evidenciou que os fundamentos teóricos da musicoterapia oferecem suporte consistente para a compreensão da esperança como fator terapêutico, especialmente a partir das contribuições de Bruscia, Benenzon e Ruud.

Conclui-se que a musicoterapia apresenta potencial significativo para promover esperança, sobretudo ao favorecer experiências de expressão, vínculo e ressignificação subjetiva. Contudo, faz-se necessária maior sistematização teórica e metodológica, de modo que a esperança seja incorporada de forma explícita às pesquisas e práticas clínicas.

Espera-se que este estudo contribua para o fortalecimento científico da musicoterapia, incentivando futuras investigações que aprofundem a relação entre música, esperança e processo terapêutico, ampliando o diálogo entre teoria e prática.

Referências

- BENENZON, Rolando O. **Manual de musicoterapia**. São Paulo: Summus, 1988.
- BRUSCIA, Kenneth E. **Definindo musicoterapia**. Tradução de Ana Sheila M. de Oliveira. Rio de Janeiro: Enelivros, 2016.
- BUNT, Leslie; HOSKYNS, Sarah. **A prática da musicoterapia**. São Paulo: Summus, 2002.
- FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- RUUD, Even. **Musicoterapia: fundamentos e práticas**. São Paulo: Summus, 1990.
- SNYDER, C. R. **A psicologia da esperança**. São Paulo: Loyola, 2002.